

Uma visão do paraíso

BA

SPECIAL

Marcos Sá Correa

SE o comércio vendesse títulos de eleitor, estava na hora de cobrar ágio. Essas papeletas entraram festivamente esta semana na cesta básica do brasileiro, como ração de sobrevivência, graças à nova rodada de crise do Cruzado. Nela, a conveniência política — encenada oficialmente como reuniões de ministros, governadores do PMDB, líderes sindicais e empresários — poupou aos súditos do presidente José Sarney outra dose do intragável purgante anti-inflacionário de seus economistas.

Pouco importa que nada de prático tenha saído dessas reuniões. Também não saiu nada de horrível, o que é quase uma solução, numa hora em que começavam a soar em Brasília idéias como a de acabar à força com o gatilho salarial, ou os “remédios heróicos” do ministro do Planejamento, João Sayad. Duas semanas atrás, a crise econômica tinha prateleiras calvas e inflações cabeludas. Depois das negociações, continua com tudo isso, até mais, e no entanto ficou improvável que o regime civil aplique a velha fórmula militar para solução de crises: sacrifícios humanos, à moda asteca.

Convém lembrar, aliás, que Pacto Social não é aquilo que o ministro do Trabalho, Almir Paz-zianotto, tenta costurar agora — e sim o que foi selado nas urnas em 15 de novembro e rompido seis dias depois, pelo Cruzado II. Paz-zianotto não está incumbido de guiar o pacto. Corre atrás dele — o que já é muito.

Vale a pena também prestar atenção no presidente, que armou deliberadamente esta opereta em Brasília para que os políticos o impedissem de fazer o que ele não queria. Sarney está convalescendo da hemorragia de pontos do Ibope que o acometeu depois do Cruzado II, ameaçando levar seu mandato pelo ralo da Constituinte. Tudo porque, na época, ele fizera o que os técnicos lhe impunham, a pretexto de que o país, quinze dias antes das eleições, exangue de reservas cambiais, havia passado rente à moratória.

Sarney saiu dessa experiência prometendo nunca mais levar ao pé da letra um ultimato de economista, para quem o mundo pode acabar no próximo IPC. As crises, por mais pretas que sejam, podem agora, segundo ele, esperar pela ginga dos políticos, que têm o vício profissional de açucarar tudo, até arrocho e recessão. Hoje, o presidente tem um olho nos números da inflação, outro no das pesquisas de opinião pública. E esse susto de novembro o deixou arregalado. Quem entrou no palácio do Planalto nos últimos dias, em pleno deus-nos-acuda de Brasília, encontrou o presidente paradoxalmente tenso, mas otimista. Tenso por achar que está em curso uma conspiração de ricos, açulada pela imprensa, para desmontar a plataforma de sua “opção preferencial pelos pobres”. E otimista porque, ao contrário do que acontece com o plano Cruzado dos economistas, o seu ainda está praticamente incólume.

O Cruzado de Sarney não é, nunca foi o tal do choque heterodoxo na inflação. Trata-se de uma



utopia política, portanto, acima de tudo uma intenção, contida na crença de que é irreversível a esteira de 35 milhões de novos consumidores no mercado brasileiro em 1986, gente que comprou “seu primeiro fogãozinho” e escalou com isso a um novo patamar de cidadania. O presidente está convencido disso.

O que evidentemente não o salva de estar enganado, mas lhe dá significado ao governo, além de oferecer antídoto às tentações da linha dura econômica e o direito de ir para a História na mais fina companhia — a dos heróis civilizadores que o historiador Sérgio Buarque de Hollanda catalogou em *Visão do Paraíso*, um clássico por sinal escrito durante os anos JK, “cinquenta em cinco”, verdadeira safra de miragens. Os portugueses, quando chegaram, estavam piamente impregnados da

crença medieval de que o Paraíso não só existia, como ficava escondido neste planeta. Tinha um clima capaz de assegurar a eterna juventude, acesso fácil às minas de prata do Peru, logo ali atrás da serra da Mantiqueira, subindo o rio Javari e montanhas resplandescentes onde índios catavam pedras de ouro para fundir as gamelas de alimentar os porcos. E ficava aqui.

Toda essa patacoada contribuiu para colonizar o sertão, mais ou menos como a esperança de passar o dia na sauna do condomínio leva atualmente as pessoas a morar na Barra. Os brasileiros têm uma queda por coisas do gênero. Fizeram uma campanha como a das Diretas Já para aprovar a emenda Dante de Oliveira. Dez anos atrás, um senador audacioso inventou a Missão Portella e, de conversa fiada em conversa fiada, revogou no governo Ernesto Geisel o AI-5. O monopólio do petróleo

veio antes de se abrir o primeiro poço viável, mas criou uma das maiores companhias petrolíferas do mundo — tão grande que acabou produzindo petróleo. No século XVII o frade Antonio do Rosário espalhou em Lisboa a mentira de que diamante aqui era mato. Os crédulos acreditaram, vieram, e descobriram diamantes. O II PND não era um programa de desenvolvimento, e sim um manifesto de megalomania política. Mas dele saiu a indústria pesada brasileira.

Para alguma coisa sempre serviram os planos que os técnicos consideram inexecutáveis. Numa terra em que eles mandassem muito, jamais um Mané Garrincha entraria em campo de futebol — para nem falar numa seleção de Copa do Mundo. Sarney tem sua visão particular do paraíso. Pode estar toda errada. Mas é melhor que a cegueira política de muito economista.

Jornal do Brasil
Caderno B
25.1.87